



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS - *CAMPUS PALMAS*
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM LETRAS**

REGINALDO PEREIRA AZEVÊDO

**O DISCURSO DA REPRESENTAÇÃO DO NEGRO EM “MENINO DE ENGENHO”
DE JOSÉ LINS DO REGO**

**PALMAS-TO
2019**

REGINALDO PEREIRA AZEVEDO

**O DISCURSO DA REPRESENTAÇÃO DO NEGRO EM “MENINO DE ENGENHO”
DE JOSÉ LINS DO REGO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, *Campus* Palmas, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora : Profa. Dra. Nahete de Alcântara Silva

Coorientador : Prof. Me. Sergio Roberto Jorge Alves

**PALMAS-TO
2019**

Azevêdo, Reginaldo Pereira.

O Discurso da Representação do Negro em “Menino de Engenho” de José Lins do Rego / Reginaldo Pereira Azevêdo. – Palmas – To, 2019. 49 f.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – *Campus Palmas*, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Nahete de Alcântara Silva
Coorientador: Prof. Me. Sergio Roberto Jorge Alves

1. Discurso. 2. Negro. 3. Representação. I. Título.

REGINALDO PEREIRA AZEVEDO

O DISCURSO DA REPRESENTAÇÃO DO NEGRO EM “MENINO DE ENGENHO” DE JOSÉ LINS DO REGO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, *Campus* Palmas, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Nahete de Alcântara Silva

Coorientador: Prof. Me. Sergio Roberto Jorge Alves

Aprovado em: 11/02/2019

BANCA AVALIADORA

Profa. Dra. Nahete de Alcântara Silva
(Orientadora)
IFTO – *Campus Palmas*

Prof. Me. Sergio Roberto Jorge Alves
(Co-Orientador)
IFTO – *Campus Palmas*

Prof. Dr. Rivadávia Porto Cavalcante
(Membro da Banca)
IFTO – *Campus Palmas*

**PALMAS-TO
2019**

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo o privilégio de viver, por ter me dado força e saúde para superar as dificuldades.

Aos meus pais, Lourival Azevêdo e Irene Soares pelo amor, compreensão e apoio incondicional.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins *Campus Palmas*, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro, a cada colega de aula e amigos no compartilhar de experiências que contribuíram para o meu aprendizado.

Agradeço, de maneira especial, a minha Orientadora Profa. Dra. Nahete de Alcântara e o meu Coorientador Prof. Me. Sérgio Roberto, pelo suporte, paciência, correções e incentivo.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, meu muito obrigado.

RESUMO

Esta pesquisa teve como problemática as incógnitas relacionadas ao discurso da representação do negro em *Menino de Engenho* de José Lins do Rêgo, permitindo uma análise literária da obra, a partir da compreensão de seu contexto sociocultural. Nessa perspectiva, o objetivo do estudo foi analisar os discursos da representação do negro em *Menino de Engenho*, tendo como foco a questão racial na literatura brasileira, por meio da arqueologia de Michel Foucault, sendo desenvolvido através dos objetivos específicos de conceituar o discurso e representação; abordar o negro na literatura brasileira; analisar os acontecimentos que envolvem os negros em *Menino de Engenho*; e descrever os diferentes aspectos em relação à convivência entre branco e o negro na obra. Dessa forma, a pesquisa foi desenvolvida sob a metodologia de pesquisa bibliográfica, de caráter básico, por meio do método descritivo e exploratório, dentro de uma análise de abordagem qualitativa. A importância do trabalho está na possibilidade de compreensão, reflexão e construção de representações sociais por meio da literatura, denotando tanto o seu caráter prazeroso, quanto utilitário, contribuindo para a qualificação do sujeito acadêmico, profissional e social. O trabalho mostrou como resultado uma reflexão sobre as representações do negro, embasadas na obra estudada, gerando agregação de conhecimento e fonte de pesquisa, tanto para acadêmicos, quanto para a sociedade em geral, denotando a importância de se instigar novas pesquisas sobre o tema, contribuindo para a formação social dos acadêmicos, a fim de atuarem como sujeitos ativos na sociedade brasileira, a partir da compreensão do papel do negro na construção da cultura e da língua no Brasil, influenciando diretamente na construção da identidade histórica e social do povo brasileiro.

Palavras - chave: Literatura. *Menino de Engenho*. Discurso. Representações. Negro.

ABSTRACT

This research had as problematic the unknowns related to the discourse of the representation of the Negro in. By allowing a literary analysis of the work, from the understanding of its socio - cultural context. In this perspective, the objective of the study was to analyze the discourses of the Negro representation in *Menino de Engenho*, focusing on the racial question in Brazilian literature through Michel Foucault archeology, being developed through the specific objectives of conceptualizing discourse and representation ; to approach the black in Brazilian literature; to analyze the events that involve blacks in *Menino de Engenho*; and to describe the different aspects regarding the coexistence between white and black in the work. Thus, the research was developed under the methodology of bibliographic research, of a basic character, through the descriptive and exploratory method, within a qualitative approach analysis. The importance of the work lies in the possibility of understanding, reflection and construction of social representations through literature, denoting both its pleasurable and utilitarian character, contributing to the qualification of the academic, professional and social subject. The work showed as a result a reflection on the representations of the black, based on the work studied, generating aggregation of knowledge and research source, both for academics and for society in general, denoting the importance of instigating new research on the subject, contributing to the social formation of academics in order to act as active subjects in Brazilian society, starting from the understanding of the role of the black in the construction of culture and language in Brazil, directly influencing the construction of the historical and social identity of the Brazilian people.

Key - words: Literature. Ingenuity boy. Speech. Representations. Black.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
1.1 Literatura	11
1.2 Romance	12
1.3 O Romance da Segunda Geração de 1930	13
1.4 A Questão Racial na Literatura Brasileira.....	15
1.5 Aporte Teórico de Michel Foucault.....	17
1.6 Conceito de Discurso e Representação	19
1.7 Vida e Obra do Autor José Lins do Rego... ..	21
1.8 Contexto Histórico da Obra Menino de Engenho	23
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	25
2.1 Tipo de Pesquisa.....	25
2.2 Ética na Pesquisa.....	25
2.3 Desenvolvimento da Pesquisa	26
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
3.1 Análises de acontecimentos que envolvem os negros em Menino de Engenho de José Lins do Rego.....	27
3.2 Descrição dos diferentes aspectos de convivência entre o branco e o negro em Menino de Engenho	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

A obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, denota uma linguagem que apresenta os aspectos literários da segunda geração do Modernismo Regionalista Brasileiro, com a concretização e afirmação dos novos valores modernos e discussão de temas nacionais, sociais e históricos. Para tanto, torna-se preponderante esclarecer que, este trabalho de conclusão de curso, tem sinergia com os conceitos apreendidos no curso de licenciatura em letras, sobretudo, no que se refere ao campo da literatura brasileira.

Nesse contexto, este trabalho tem como temática a discussão das representações do negro na Literatura Brasileira, a partir da abordagem de suas respectivas origens vinculadas ao estudo, indagações e reflexões que surgiram por meio da leitura da obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rêgo.

O objetivo geral deste estudo pautou-se em analisar os discursos da representação do negro na obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, tendo como foco a questão racial na literatura brasileira, por meio da arqueologia de Michel Foucault.

Por conseguinte, os objetivos específicos da pesquisa foram desenvolvidos de modo a traduzir a relevância do estudo, no sentido de conceituar discurso e representação; abordar o negro na literatura brasileira; analisar os acontecimentos que envolvem os negros em *Menino de Engenho* de José Lins do Rego; e descrever os diferentes aspectos em relação à convivência entre branco e o negro na obra.

Os motivos que levaram a escolha deste objeto de estudo foram, a saber, a simplicidade da linguagem utilizada pelo autor; o coloquialismo regional; os acontecimentos memorialistas; a ruralidade presente na obra; a realidade social; o trabalho escravo; a vida do negro no engenho da cana-de-açúcar; sobretudo, como eles são representados na obra.

Assim sendo, este trabalho buscou um melhor entendimento dos diferentes sentidos dos discursos da representação do negro na referida obra. Este esboço investigativo busca contribuir com apontamentos acerca do debate da temática racial na literatura brasileira.

Dessa forma, cabe esclarecer que a temática deste trabalho é o negro na literatura brasileira, que tem como foco principal a análise dos discursos de

construção sobre o negro inseridos na obra “*Menino de Engenho*” de José Lins do Rego, ao mesmo tempo, em que busca explicações de como o branco lida com esta negritude racial em um contexto regional da economia açucareira.

A delimitação temática deste trabalho está no Discurso da Representação do Negro em “*Menino de Engenho*” de José Lins do Rego, visando descrever como esses discursos são construídos em relação ao negro em uma sociedade marcada pelo sistema patriarcal. Nesse sentido, torna-se fundamental elucidar que o recorte temporal e histórico analisado é o relatado na referida obra.

A problematização da pesquisa se pautou na seguinte pergunta: Como é o discurso da representação do negro em *Menino de Engenho* de José Lins do Rego?. Com base nesta pergunta, tornou-se imprescindível a análise da obra, a partir da compreensão de seu contexto sociocultural, que influencia concomitantemente seu nível literário.

Portanto, este trabalho justifica-se pela importância do negro na construção da cultura e da língua no Brasil, denotando sua participação na literatura e em especial da Literatura Brasileira, fato que foi imprescindível para a construção da identidade histórica e social do povo brasileiro, na linguagem, cultura, culinária e costumes, inserindo-se no contexto histórico e social da atualidade.

Assim, o trabalho foi organizado em três capítulos, trazendo a fundamentação teórica do estudo, os procedimentos metodológicos e as análises referente à obra *Menino de Engenho* de José Lins do Rego.

No primeiro capítulo apresenta-se a conceitualização sobre a literatura e o romance, discorrendo a respeito do romance da segunda geração de 1930, as concepções de Michel Foucault, especificamente no que cabe ao conceito de discurso e representação, abordando ainda a vida e obra do Autor José Lins do Rego, o contexto histórico da obra *Menino de Engenho*, bem como a questão racial na Literatura Brasileira.

No segundo capítulo estão contidos os procedimentos metodológicos que propiciaram a realização do estudo, discorrendo sobre o tipo de pesquisa, os requisitos básicos da ética na pesquisa e como foi o desenvolvimento da pesquisa nos moldes estabelecidos para a elaboração científica.

Assim sendo, a metodologia está pautada em uma investigação bibliográfica, pois foi utilizado a obra *Menino de Engenho* de José Lins do Rego, e

aliado a esta, utilizou-se fontes de consultas, pois trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa de natureza exploratória descritiva e interpretativa.

O terceiro capítulo traz a análise das representações do negro na obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, a partir de fragmentos retirados da obra, bem como o respectivo embasamento teórico que subsidiou as análises realizadas, no intuito de cumprir os objetivos propostos.

As análises tem como base a obra *Menino de Engenho* de José Lins do Rego (1901-1957), de onde foram extraídos fragmentos que serviram como fonte de informação e discussão em torno da representação dos negros, por se tratar de uma obra que revela tensões socioculturais no contexto do nordeste brasileiro no pós-abolição, sendo a literatura uma das ferramentas que possibilita a compreensão da realidade social brasileira nesse período.

Como resultado, o presente trabalho apresenta-se em sua análise reflexões sobre as representações do negro, embasadas na obra estudada, que podem gerar agregação de conhecimento e fonte de pesquisa, tanto para acadêmicos, quanto para a sociedade em geral, denotando a importância de se instigar novas pesquisas sobre o tema, contribuindo para a formação social dos acadêmicos, a fim de atuarem como sujeitos ativos na sociedade brasileira, a partir da compreensão do papel do negro na construção da cultura e da língua no Brasil, influenciando diretamente na construção da identidade histórica e social do povo brasileiro.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica que embasou esta pesquisa está segmentada em etapas, que serviram para nortear este estudo, a partir da conceitualização e evolução histórica, discorrendo sobre a literatura; o romance; o romance da segunda geração de 1930; a questão racial na literatura brasileira; o aporte teórico de Michel Foucault; o conceito de discurso e representação; a vida e obra do autor José Lins do Rêgo e, por fim, a delimitação da presente pesquisa que foi a obra “Menino de Engenho”, permitindo assim a análise das representações presentes, partindo da compreensão do seu contexto histórico.

1.1 Literatura

Todas as sociedades, culturas, em todos os tempos e lugares, produziram literatura em sua forma oral ou escrita. Produzida por culturas e em tempos tão diferentes, permite-nos concluir que a literatura cumpre funções muito importantes nas sociedades humanas. Por isso, enquanto prática social da linguagem assume diversas características e modos de manifestação.

A função da literatura refere-se ao papel que a mesma desempenha nas sociedades, que é o do público leitor reconhecer como valor através da arte da leitura¹. E é através da leitura que os leitores atribuem um papel à produção literária e são eles que a mantêm viva até hoje, pois Todorov (2014, p. 22), afirma que: “A literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos [...]”.

Portanto, a literatura tem o poder de transportar o leitor, provocar alegria ou tristeza, divertir ou emocionar, ou seja, permite-nos viver outras vidas, sentir outras emoções e sensações, pois Todorov (2014, p. 23-24) diz que:

[...] a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. [...] a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

¹ ABAURRE, Maria Luiza M. **Português: contexto, interlocução e sentido** / Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre, Marcela Pontara. São Paulo: Moderna, 2008, p.10.

Portanto, é de se notar nas palavras de Todorov (2014), que a literatura tem muito a contribuir e de múltiplas formas para com a vida dos leitores, pois gera neles uma transformação na maneira de pensar e agir, denotando o prazer e a utilidade presentes na literatura, caracterizando o romance como um gênero da literatura que propicia isso, sobre o qual trata o próximo item desse capítulo.

1.2 Romance

Herdeiro da Epopéia, o Romance é um gênero da literatura que pertence ao modo narrativo, assim como a Novela e o Conto. Sendo assim, Sérgio (2007), diz que o Romance é uma história que se conta, em geral, por meio de uma sequência de eventos que envolvem personagens em um cenário específico.

Segundo Moisés (2006) em sua obra *A Criação Literária*, diz que: o objetivo essencial do Romance é o de reconstruir, recriar a realidade. Não a fotografa, mas recria. O autor reconstrói a seu modo, um mundo seu, uma vida sua, recriados com meios próprios e intransferíveis, conforme uma visão particular, única, original.²

No entanto, há duas hipóteses sobre a origem do termo “romance”, a primeira pode ter-se originado de *romans* (*vocabulo da língua provençal*) que por sua vez deriva da forma latina *romanicus*. Já a segunda teria vindo de *romanice* (*hipótese mais convincente*) que designava qualquer obra escrita em *romance*, língua falada nas regiões ocupadas pelos romanos, e que já se diferenciava do *latine loqui* (*falar latino*); essa diferenciação foi resultado da fusão do latim vulgar com a língua de um povo conquistado pelos romanos (entre as línguas românicas está a portuguesa).

Entretanto, foi na Espanha que o *romance* em versos se tornou comum. Cultivou-se tanto que, por pouco, não se tornou uma forma literária exclusivamente espanhola. O termo romance começou a ser aplicado e tomou a forma que hoje conhecemos em meados do século XVIII, junto com o Romantismo.

Romance e Romantismo se ajustavam perfeitamente com o novo espírito literário, motivado pelo natural desgaste das estruturas socioculturais da época. A

² SERGIO, Ricardo. **A Origem do Termo Romance**. Campo Grande – MT, 2007. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/377244>>. Acesso em 22 maio 2017.

Epopéia, então, já desgastada, cede definitivamente lugar a uma nova forma artística: Romance. O mesmo se dá com a poesia, que abandona o exclusivismo dos salões esnobes, das cortes artificiais e populariza-se.

O Romance tinha o objetivo de constituir-se no espelho do povo, refletir de maneira fiel a imagem da sociedade. Para tanto, procura abranger tudo quanto era forma e recurso de expressão literária. Quebravam-se, assim, as regras e modelos, conforme afirma Moisés (2006, p.159):

Servindo à burguesia em ascensão, o romance tornou-se porta-voz de suas ambições, desejos, vaidades, e, ao mesmo tempo e, sobretudo, ópio sedativo ou fuga da materialidade diária, [...], oferecendo-lhes a própria existência artificial e vazia como espetáculo [...]. Portanto, sem saber, gozam o espetáculo da própria vida como se fora alheia, estimulando desse modo uma forma literária que funcionava como espelho em que se miravam, [...]. Na verdade, oferecia-se aos burgueses a imagem do que pretendiam ser, do que sonhavam ser e não do que, efetivamente, eram.

Conforme o exposto nas palavras de Massaud Moisés observa-se que o Romance contribuiu de forma significativa com a ascensão da classe social burguesa, dando – lhe voz voltada para assuntos do seu cotidiano e servindo de instrumento dos seus próprios interesses. Oferecendo-lhes a possibilidade do que idealizavam ser e que na verdade não eram.

Isso pode ser visto na evolução histórica da literatura, fazendo-se presente também no Brasil, que tem em sua literatura os traços do desenvolvimento da sociedade, que passou de uma fase de reprodução europeia para uma criação própria, mesmo com grande influência dos portugueses. O romance brasileiro passou a abordar contextos históricos, discutindo problemáticas sociais, como será abordado mais especificamente no item seguinte.

1.3 O Romance da Segunda Geração de 1930

Na década de 30, o Brasil vivenciou uma explosão do romance. Preocupados com as condições de vida em que se encontrava a população brasileira, os escritores usaram a narrativa como instrumento de denúncia da realidade social em que viviam, em especial a região do Nordeste, em que milhares de brasileiros estavam na miséria, e que a seca, a migração, os problemas do trabalhador rural e a ignorância foram ressaltados.

A instabilidade social e política relacionada a esse contexto fez com que surgisse, na literatura, propostas de diferentes modos de interpretar a realidade e de responder às grandes questões humanas. Para tratar as questões sociais regionais, os romances escritos a partir de 1930 retomam dois momentos anteriores da prosa de ficção: o Regionalismo romântico e o Realismo do século XIX.

Do Regionalismo veio o interesse pela relação entre seres humanos e os espaços que eles habitam, apresentado agora de uma perspectiva mais determinista. Do Realismo, é recuperado o interesse em estudar as relações sociais, pois:

O romance de 30 trilhou diferentes caminhos, dos quais o regionalismo, especialmente o nordestino, é o mais importante. A tradição da ficção regionalista nordestina já contava com nomes como Franklin Távora, Rodolpho Teófilo e Domingos Olímpio. Mas, com a publicação de *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, e, em seguida, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queirós, o romance nordestino entra numa fase nova, de denúncia das agruras da seca e da migração, dos problemas do trabalhador rural, da miséria, da ignorância. (CEREJA e MAGALHÃES, 2005, p. 137).

A partir de então, o Romance de 1930 inova ao abandonar a idealização romântica e a impessoalidade realista, para apresentar uma visão crítica das relações sociais e do impacto do meio sobre o indivíduo. Essas raízes literárias que relacionam a ficção de 1930 às duas estéticas do século XIX fizeram com que os romances escritos nesse período fossem conhecidos como regionalistas ou neorrealistas³.

Portanto, são considerados regionalistas os romances que abordam a realidade específica de uma região, caracterizada por particularidades geográficas e por tipos humanos específicos, que usam a linguagem de um modo próprio e têm práticas sociais e culturais semelhantes.

O modo encontrado para mostrar o subdesenvolvimento brasileiro foi fazer com que o enredo das obras nascesse da relação entre o contexto socioeconômico e o espaço, caracterizado de modo bem definido. A maioria dos autores do período se baseou no conhecimento pessoal da realidade nordestina para desenvolver o projeto literário do romance de 1930.

³ ABAURRE, Maria Luiza M. **Português: contexto, interlocução e sentido** / Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre, Marcela Pontara. São Paulo: Moderna, 2008, p.125 - 128.

O eixo da ficção brasileira na década de 30 se deslocou do Rio de Janeiro e de São Paulo para Maceió, capital de Alagoas. Era lá que moravam os escritores José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. A convivência frequente, a camaradagem, a troca de impressões sobre contexto político e literário fez com que o olhar desses autores para a realidade nordestina guardasse semelhança.

De modo geral, o trabalho com a linguagem realizado pelos autores dessa geração busca trazer para as narrativas, as informações sobre espaços, comportamentos e costumes, que permitem ao leitor reconhecer os aspectos típicos, característicos de uma região específica.

1.4 A questão Racial na Literatura Brasileira

O negro passou a ser abordado na literatura brasileira de forma mais significativa, conforme afirma Castilho (2004), a partir dos romances de 1930, quando os autores começaram a escrever sobre os contextos sociais brasileiros, mas mesmo assim o negro foi representado por estereótipos, preconceitos e estigmas, tanto em obras destinados para o público adulto quanto para o público infanto-juvenil.

Diante dessa realidade, nota-se que os estudiosos da literatura passaram a ressaltar a importância de se romper com as tendências tradicionais de sempre colocar o negro em posição de inferioridade na literatura, pois conforme CASTILHO (2004, p.108):

A literatura infanto-juvenil brasileira, enquanto produto nacional, tem início com Monteiro Lobato. Percebe-se nas obras desse autor a continuidade da tendência da literatura para adultos: preocupação com questões nacionais, sociais, morais. Em relação ao negro, os preconceitos e estereótipos também foram transpostos da literatura dos adultos para a literatura infantil.

No que está descrito acima, apesar de Monteiro Lobato ser um dos maiores escritores da literatura brasileira, faltou-lhe renovar seus olhares de forma delicada de como ele trata as questões sociais e do histórico em relação à presença e valor do negro na sociedade brasileira em suas obras.

Sendo assim, Castilho (2004), mostra que no século XIX, esta tendência de representar o negro como algo inferior, pelo olhar do escritor pode ser de: não considerar o negro como um ser humano, ou os escritores terem surgido em função dos senhores de escravos ou estes dependeram das instituições escravocratas, ou

eles estavam do lado do sistema opressor sem poder defender a realidade dos oprimidos.

Portanto, é de se notar que os escritores estavam mais voltados para a construção da identidade nacional, a imagem do índio, o espírito nacionalista, de independência, de liberdade do que para os anseios de libertação dos escravos. Assim, Castilho (2004) afirma que somente com o início do movimento abolicionista surge na literatura os primeiros personagens, ou seja, a primeira heroína escrava, descrita de forma positiva na obra *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, em 1875.

Apesar do surgimento de escritores que defendiam as causas abolicionistas tais como: Castro Alves, Bernardo Guimarães, Fagundes Varela, Adolfo Caminha e Julio Ribeiro, Castilho (2004) diz que estes escritores passaram a ser vítimas de todos os preconceitos e intolerâncias, que rodeavam as questões da raça e da cor, e por fim, muitos autores continuaram a reforçar nas suas obras, várias formas exageradas e descrições depreciativas do negro.

Já na atualidade, Castilho (2004), diz que há mudanças significativas em relação a produção literária em que o intuito é contribuir para uma educação que supere as atitudes de comportamentos racistas e preconceituosas, em que ela aponta que há produções com novas propostas na literatura infanto-juvenis de autores que a partir da década de 80, como resultados de pesquisas, procuraram romper com o imaginário estigmatizado do negro.

Dentre estas obras, Castilho (2004), destaca os seguintes temas de obras publicadas em que o negro é representado de forma positiva, são eles: *Luana* (2000), de Aroldo de Campos e Osvaldo Faustino, *Histórias de Preta* (1999), de Heloisa Pires Lima, *O Menino Marrom* (1986), de Ziraldo Alves Pinto, *Felicidade Não tem Cor* (2002), de Júlio Emílio Braz, *Bruna e a Galinha d' angola* (2003), de Gercilda de Almeida, *Que Mundo Maravilhoso!* (2000), de Julius Lester e Joe Cepeda, *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986), de Ana Maria Machado.

Dessa forma, Castilho (2004), afirma que estas obras literárias contribuíram para que as crianças sejam despertadas para a leitura e escrita, tendo a oportunidade de ver nos textos a sua cor, no caso as crianças negras, e para as crianças brancas, as mesmas terão a oportunidade de compreender e respeitar as diversidades.

Portanto, é importante destacar que não se trata de dois tipos de literatura, ou que se deve substituir em sala de aula uma literatura por outra, pois o importante é incorporar as já existentes por outras perspectivas de leituras que abonem elementos de preconceitos raciais, e cabe ao professor ter uma postura crítica ao escolher o material a ser ministrado.

Nesse aspecto, notou-se que a literatura está atrelada ao contexto social, localizando-se na evolução histórica da sociedade, reproduzindo e discutindo as questões que permeiam seu contexto. Para tanto, faz-se necessário compreender a literatura, dentro da perspectiva social, tendo como um importante aporte teórico Michel Foucault (1999), que além de filósofo, foi um historiador das ideias, um teórico social, filólogo, crítico literário e professor, sobre o qual trata o item seguinte, no sentido de embasar a análise dos discursos e representações sobre o negro, presentes na obra *Menino de Engenho*.

1.5 Aporte Teórico de Michel Foucault

Como aporte teórico será usado a arqueologia do saber de Michel Foucault. A partir desta arqueologia do saber foucaultiana, pode-se afirmar que a representação do negro na obra de José Lins do Rego *Menino de Engenho* verifica-se na medida em que, para Foucault, um determinado discurso deve ser pensado a partir dos “ditos” e “não ditos”.

Foucault busca o uso da arqueologia com diferentes dimensões, como por exemplo: filosófica, econômica, científica, política e cultural, para, a partir desta análise dos discursos, saber de um determinado período.

Neste sentido, a arqueologia utilizada por Michel Foucault faz uma análise dos discursos na dimensão de sua exterioridade. Cabe ressaltar que a arqueologia se configura em um conjunto de discursos pronunciados em um determinado período e permanece através da história.

Foucault trata o discurso como sendo uma prática que tem sua eficácia, seus resultados, que produz alguma coisa na sociedade, destinada a ter um efeito, obedecendo a uma estratégia. Critica a história global por estar ainda presa a uma noção temporal contínua.

Seu objetivo é aprofundar inter-relações conceituais capazes de situar os saberes constitutivos das ciências humanas, pretendendo articular a formação

discursiva com as práticas sociais. Consiste em descrever a constituição das ciências humanas a partir de uma inter-relação de saberes, do estabelecimento de uma rede conceitual que lhes cria o espaço de existência.

A arqueologia do saber é uma espécie de atividade histórico-política, que procura responder como os saberes aparecem e se transforma. É a luta, o combate, o resultado do combate e, conseqüentemente, o risco e o acaso que vão dar lugar ao conhecimento. É somente nessas relações de luta e poder que compreenderemos em que consiste para ele o conhecimento. Um conhecimento que é uma ordem do resultado, do acontecimento, do efeito que pode ser colocado sob o signo do conhecer.

Foucault explica que por trás de todo o saber, de todo conhecimento, o que está em jogo é uma luta de poder. O poder político, por exemplo, não está ausente do saber. Ele é tramado com o saber. O melhor exemplo disso está na escrita, quando na sociedade disciplinar encerra-se o debate público, a oralidade (que existia entre os gregos), e inicia-se o advento da sociedade alfabetizada.

Conforme Foucault (1999, p. 81), o discurso pode ser evidenciado a partir do grupo que se fala:

O que é direito, lei ou obrigação, se olharmos a coisa do lado do poder, o novo discurso mostrará como abuso, como violência, como extorsão, se nos colocamos do outro lado. [...] a lei aparece como uma realidade de dupla face: triunfo de uns, submissão de outros.

É importante dizer que o discurso da representação do negro na literatura brasileira é produzido por orientações coletivas, reforçadas não somente em regulamentações oficiais, mas também por diferentes práticas sociais que enfatizam ações discriminativas e segregadoras. Daí, esses discursos não podem ser entendidos separadamente das práticas explicitadas em suas diferentes correlações de forças e provocadoras de contradições.

No que tange ao conceito de discurso para Foucault, utilizaremos as palavras de Judith Revel (2005, p. 37):

O discurso designa, em geral, para Foucault, um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns. Essas regras não são somente lingüísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de cisões historicamente determinadas.

Segundo Foucault, os discursos em geral não são conjuntos de signos, mas, práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Nesta lógica, os discursos são feitos de signos, porém o que eles fazem é utilizar esses signos para designar coisas. Escreveu Foucault (1966, p. 97) acerca do signo:

Se o signo é a pura e simples ligação de um significante a um significado (ligação que é arbitrária ou não, voluntária ou não, individual ou coletiva), de toda maneira a relação não pode ser restabelecida senão no elemento geral da representação o significante e o significado não estão ligados senão na medida em que um e outro são (um foram, ou podem ser) representados e em que um representa o outro.

O que se pode dizer do que está transcrito acima, tem sua explicação no que Foucault chama de teoria binária do signo. Daí, ser possível pensar o signo e seu conteúdo sem nenhum elemento intermediário. Desse pensamento é possível se extrair que a análise de signos é a decifração daquilo que eles podem significar. Nesta linha de raciocínio, o desvendamento do seu significado segundo Foucault, nada mais será do que a reflexão sobre os sinais que o indicam.

Oportunamente é importante frisar, o que foi dito até aqui tem sua relação com a pesquisa na medida em que as palavras arqueologia e discurso trazem em seu cerne múltiplas e variadas interpretações, sobre isso será tratado no item seguinte, de maneira mais detalhada.

1.6 Conceito de Discurso e Representação

Compulsando história, pode-se afirmar que o conceito de discurso é um elemento elucidativo das características de determinado contexto social. Em outras palavras, este discurso pode ser um dispositivo de convencimento, assim como propagação de ideias, e diz respeito a quem fala, para quem se fala e sobre o que se fala (FOUCAULT, 1999).

Portanto, de acordo com o que foi dito, o discurso é conceituado no dicionário Houaiss (2001, p. 1.054) como:

Exposição de idéias, proferida em público, feita de improviso ou antecipadamente escrita com esse propósito: oração, fala. Série de enunciados significativos que expressam formalmente a maneira de pensar e de agir e ou as circunstâncias identificadas com um certo assunto, meio ou grupo.

Dessa forma, diante do que está explicitado, pode se entender que o discurso passa por processos e estruturas de comunicação, são construídas no tempo, no espaço, na história ou numa determinada época, seja na área, social, econômica, geográfica ou linguística. Observa-se ainda que, o discurso traz em seu demiurgo características ideológicas que são materializadas nas formas escritas ou orais.

Nesse diapasão, o presente trabalho busca caracterizar os discursos sobre o negro na obra *Menino de Engenho* do autor José Lins do Rego, sendo possível a percepção, a partir dessas análises, verificar os dispositivos de poder contidos nesses mesmos discursos.

Já no que se refere à representação, pode-se dizer que são as várias exposições de forma escrita ou oral de maneira detalhada, utilizando ideias, imagens ou conceito que se concebe do mundo ou de alguma coisa, ou seja, são as impressões que o leitor ou o sujeito faz do mundo que o rodeia (FOUCAULT, 1999).

Corroborando com este pensamento de representação, tomamos como referência a afirmação de Sêga (2004, p. 128-129) que diz:

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem. O social intervém de várias formas: pelo contexto concreto na qual se situam grupos e pessoas, pela comunicação que se estabelecem entre eles, pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural, pelos códigos, símbolos, valores e ideologias ligados à posições e vinculações sociais específicas. Em outras palavras, a representação social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da realidade.

Diante do exposto acima, a todo o momento as pessoas estão criando e interpretando a realidade através das representações ou das impressões que se tem do mundo e das coisas. Esta é uma atividade interna e particular de cada indivíduo, e que são explicitadas no convívio comum. Dentro dessa perspectiva a vida e obra de José Lins do Rêgo será abordada no item seguinte, a fim de subsidiar a análise da obra em estudo posterior.

1.7 Vida e Obra do Autor José Lins do Rego

José Lins do Rêgo Cavalcanti, nasceu em 3 de junho de 1901 no engenho Corredor, município de Pilar, Estado da Paraíba, PB e faleceu no dia 12 de setembro de 1957 no Rio de Janeiro, RJ, foi escritor, romancista e jornalista. Filho de João do Rego Cavalcanti e Amélia do Rego Cavalcanti, este autor foi um marco na literatura brasileira, publicou uma vasta obra, entre romances, crônicas, literatura infantil e memórias.

Foi o quarto ocupante da Cadeira de nº 25 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 15 de setembro de 1955, na sucessão de Ataulfo de Paiva e recebido pelo Acadêmico Austregésilo de Athayde em 15 de dezembro de 1956. Fez os primeiros estudos no Colégio de Itabaiana, PB, no Instituto N. S. do Carmo e no Colégio Diocesano Pio X de João Pessoa. Depois estudou no Colégio Carneiro Leão e Osvaldo Cruz, no Recife. Desde então revelaram-se seus pendores literários.

É de 1916, o primeiro contato com *O Ateneu*, de Raul Pompéia. Em 1918, aos 17 anos, José Lins travou conhecimento com Machado de Assis, através do *Dom Casmurro*. Desde a infância, já trazia consigo outras raízes, do sangue e da terra, que vinham de seus pais, passando de geração em geração por pessoas ligadas ao mundo rural do Nordeste açucareiro.

Passou a colaborar no *Jornal do Recife*. Em 1922 fundou o semanário *Dom Casmurro*. Formou-se em 1923 na Faculdade de Direito do Recife. Durante o curso, ampliou seus contatos com o meio literário pernambucano, tornando-se amigo de José Américo de Almeida, Osório Borba, Luís Delgado e Aníbal Fernandes.

Sua amizade com Gilberto Freire, na volta em 1923 de uma temporada de estudos universitários nos Estados Unidos marcou novas influências no espírito de José Lins, através das ideias novas sobre a formação social brasileira.

Foi nomeado em 1925 promotor em Manhuçu, MG, lá não se demorando. Casado em 1924 com D. Filomena (Naná) Masa Lins do Rego, transferiu-se em 1926 para a capital de Alagoas, onde passou a exercer as funções de fiscal de bancos até 1930 e fiscal de consumo de 1931 a 1935.

Em Maceió, tornou-se colaborador do *Jornal de Alagoas* e passou a fazer parte do grupo de Graciliano Ramos, Raquel de Queirós, Aurélio Buarque de Holanda, Jorge de Lima, Valdemar Cavalcanti, Aloísio Branco e Carlos Paurílio. Ali

publicou o primeiro livro, *Menino de engenho* (1932), obra que se revelou de importância fundamental na história do moderno romance brasileiro.

Além das opiniões elogiosas da crítica, sobretudo de João Ribeiro, o livro mereceu o Prêmio da Fundação Graça Aranha. Em 1933, publicou *Doidinho*, o segundo livro do “Ciclo da cana-de-açúcar”.

Em 1935, já nomeado fiscal do imposto de consumo, José Lins do Rego transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde passou a residir. Integrando-se plenamente no ambiente carioca, continuou a fazer jornalismo, colaborando em vários periódicos com crônicas diárias.

Revelou-se, então, por essa época, a faceta esportiva de sua personalidade. Sofrendo e vivendo as paixões desencadeadas pelo futebol, o esporte de sua predileção, foi grande torcedor do Flamengo. Exerceu o cargo de secretário-geral da Confederação Brasileira de Desportos de 1942 a 1954.

Romancista da decadência dos senhores de engenho, sua obra baseia-se em memórias e reminiscências. Seus romances levantam todo um sistema econômico de origem patriarcal, com o trabalho semiescravo do eito, ao lado de outro aspecto importante da vida nordestina, ou seja, o cangaço e o misticismo.

Fazendo uma radiografia da trajetória das produções de José Lins do Rego temos a saber: em 1926, escreveu seu primeiro romance “*Menino de Engenho*”, que foi publicado em 1932, às suas expensas, após ter sido rejeitado por várias editoras.

Em 1933, publicou *Doidinho*, e em 1934, *Banguê*; a partir de então, publicará seus livros pela José Olympio editora⁴. Até 1957, ano de sua morte, teve uma intensa produção: *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Histórias da Velha Totôinha* (1936 – literatura infantil), *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho Doce* (1939), *Água-Mãe* (1941), *Gordos e Magros* (1942- Crônicas), *Fogo Morto* (1943), *Poesia e Vida* (1945 – Crônica), *Cangaceiros* (1953), *A Casa e o Homem* (1954- Crônica), *Meus Verdes Anos* (1956 – Memória), presença do Nordeste na literatura brasileira, *O Vulcão e a Fonte* (1958).

⁴ CABRINI, Conceição Aparecida. **José Lins do Rego – do Aprendiz ao Escritor: A Comunicação Didática como Fenômeno da Edição**. Pontifícia Universidade Católica, 2005, pg. 11. Tese para obtenção do título de Doutor em Comunicação e Semiótica, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. São Paulo, 2005.

Já as obras *Menino de Engenho*, *Doidinho*, *Bangue*, *Moleque Ricardo*, *Usina* e *Fogo Morto*, caracterizam o que o próprio autor denominou de “Ciclo da Cana-de-açúcar”, podendo ainda citar que, José Lins do Rego recebeu o Prêmio da Fundação Graça Aranha, pelo romance *Menino de engenho* (1932); o Prêmio Felipe d’Oliveira, pelo romance *Água-mãe* (1941), e o Prêmio Fábio Prado, pelo romance *Eurídice* (1947).

Entretanto, cabe considerar, que as próprias ideias de regionalismo ou de obras literárias regionalistas são veiculadas através de imprecisões conceituais, como se estivessem dadas a priori e não necessitassem de maiores explicações (BOSI, 1967).

Desse modo, encontram-se posturas críticas, como Alfredo Bosi, que afirma que “os regionalistas típicos esquivaram-se aos problemas universais, concentrando-se na estilização de seus pequenos mundos de província, cujo passado continuava virgem para a literatura brasileira” (1967, p. 56). Assim, o autor diz que não existe uma sistematização do que vem a ser um “regionalista típico” ou mesmo os “problemas universais”.

No presente estudo, o foco está na obra *Menino de Engenho*, sobre a qual se discorre no item que se segue a respeito de seu contexto histórico, que servirá para a compreensão dos discursos e representações presentes.

1.8 Contexto Histórico da Obra *Menino de Engenho*

As narrativas de José Lins do Rêgo apresentam forte relação com as memórias do autor, além de uma significativa oralidade. A carga afetiva de seus discursos também é um traço recorrente no seu estilo. Todos esses elementos estão presentes na obra *Menino de Engenho* (COUTINHO, 2004).

O contexto histórico da obra está na pós-escravidão, na qual os negros descendentes dos escravos de outrora, e ainda não fixados no trabalho livre devido os mesmos não serem reconhecidos como seres intelectualmente capazes de colaborar com a nova ordem econômica do país, viviam, e por ainda serem vistos como “inferiores” não eram inseridos na indústria nascente como mão de obra assalariada.

O domínio dos grandes latifundiários, a agonia dos engenhos, o domínio crescente das usinas, a mecanização da lavoura, são fenômenos e contextos

históricos sociais que a obra *Menino de Engenho* de José Lins do Rego retrata. Um romance de ficção memorialista que remonta ao final do século XIX e início do século XX. É uma obra que se passa no ambiente rural, especificamente no engenho da cana-de-açúcar onde o autor protagonista retrata a maior parte de suas vivências.

Dessa forma, a obra *Menino de Engenho* trata-se de uma produção regionalista porque retrata a vida dos negros, bem como a relação entre o branco e o negro na pós-abolição no nordeste brasileiro, mais especificamente na zona da mata no Estado da Paraíba. Assim, o contexto histórico da obra era o Brasil colônia e o regime ainda figurava no escravocrata (COUTINHO, 2004).

As relações sociais estabelecidas entre o branco e o negro na época figuram como o ponto mais forte do livro, na mistura entre o poder econômico da fazenda de engenho, com o poder político da cidade, denotando que mesmo após a escravidão o negro continuou em uma situação social de inferioridade, situação essa citada no romance que faz parte da história da sociedade brasileira (COUTINHO, 2004).

De modo geral, o contexto histórico da obra *Menino de Engenho* propicia ao leitor entender como as diferentes narrativas literárias captam e recriam na ficção elementos da vida social, a fim de contribuir para mostrar mais nitidamente as nuances do mundo social por meio da literatura.

Assim, Afrânio Coutinho (2004, p. 202) define uma postura crítica sobre as obras regionalistas, campo em que é entendida a obra *Menino de Engenho*, trazendo a reflexão sobre os equívocos na concepção das literaturas regionais, pois, para o autor, “do simples localismo ao largo regionalismo literário, há vários modos de interpretar e conceber o regionalismo”.

Nesse aspecto, a obra em comentário mostra sua característica regionalista quando narra as relações sociais entre o branco e o negro, denotando a recuperação e exaltação das tradições brasileiras em suas inúmeras manifestações: na religião, na dança, na música, na culinária, dentre outros. Deixando de lado o que era considerado apenas como folclore para mostrar o nível explicativo da formação da cultura brasileira nacional.

2 METODOLOGIA

Este capítulo traz o desenvolvimento da pesquisa, abordando o tipo de pesquisa, a ética na pesquisa e como foi realizado o estudo, no aspecto do objeto de estudo, do contexto, do corpus e das etapas que foram seguidas no intuito de atingir os objetivos da pesquisa.

2.1 Tipo de Pesquisa

Este é um trabalho de enfoque teórico, que se pautou em uma investigação bibliográfica sobre a temática: O Discurso da Representação do Negro em *Menino de Engenho*, de José Lins do Rêgo. As fontes de pesquisas foram feitas, a princípio, pela leitura da obra, e aliada a esta, foram utilizadas fontes de consultas para o embasamento teórico, tais como: periódicos atualizados, livros, dissertações de mestrado, publicações eletrônicas, repositórios acadêmicos, artigos e monografias.

Assim, conforme afirma Marconi e Lakatos (2010), trata-se de uma pesquisa de natureza básica, de objetivo descritivo e exploratório, e que usou como procedimentos a pesquisa bibliográfica. Desse modo, a pesquisa foi desenvolvida na abordagem qualitativa.

Dessa forma, a pesquisa foi desenvolvida buscando explicitar os fatos sociais, ao explorar o discurso literário da obra, uma vez que foi valorizada a descrição de fatos socioculturais e literários, que contribuíram para reflexões que permitiram o desenvolvimento do conhecimento (SEVERINO, 2007).

2.2 Ética na Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida dentro dos requisitos éticos, conforme o que é defendido por Marconi e Lakatos (2010), que é importante se ater ao foco da pesquisa, aos seus objetivos e limites, perseguindo o ineditismo e a responsabilidade na investigação, na busca pela geração de novos conhecimentos, os quais possam contribuir para o crescimento pessoal, profissional, acadêmico e científico do pesquisador e do campo de pesquisa.

2.3 Desenvolvimento da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida através de uma investigação bibliográfica que possibilitou a geração de dados, bem como a análise de abordagem qualitativa, a partir da compreensão das representações do negro na obra *Menino de Engenho*, sob a concepção de José Lins do Rêgo.

Na obra foi considerado um foco de análise, que foi o ponto de vista do autor José Lins do Rêgo acerca do indivíduo negro, em uma relação de comparação com o indivíduo branco, buscando descrever as relações cotidianas entre um e outro.

Com a realização deste trabalho, buscou-se alcançar como resultado uma melhor compreensão da literatura enquanto fenômeno de interpretação da sociedade, história e cultura da humanidade, denotando o contexto de construção dos discursos como demonstração de poder neles contidos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Análises de acontecimentos que envolvem os Negros em *Menino de Engenho* de José Lins do Rêgo

A obra em análise trata-se de um Romance de ficção regionalista, publicado em 1932. É uma narrativa que se desenrola no contexto social brasileiro da pós-escravatura. Com a pós-escravidão, os escravos não tinham para onde ir, obrigando-os a ficarem nas terras de seus senhores. Em troca de moradia e alimentação, eles tinham que demonstrar trabalho no engenho da cana-de-açúcar e não eram assalariados.

Observa-se nesta obra que há certo respeito para com o negro, porém a servidão é notória. Fica cristalino como Rêgo mostra estas características marcantes da escravidão, como bem afirmou em (2016, p.53):

[...] **Gente esfarrapada**, com meninos amarelos e chorões, com mulheres de peitos murchos e homens que ninguém dava nada por eles – mas de uma gente com quem se **podia contar na certa para o trabalho mais duro e a dedicação mais canina.**(*Grifo nosso*).

Diante do exposto acima, pode-se observar, que os negros do engenho do avô de Carlinhos, o coronel José Paulino, era um povo sofrido devido a falta de assistência básica para a sobrevivência, como alimentação e medicamentos. E por este motivo, as doenças se proliferavam com facilidade no ambiente insalubre em que viviam. Porém, mesmo em condições adversas, eram pessoas dispostas que demonstravam dedicação ao trabalho mais pesado e difícil que surgisse no engenho da cana-de-açúcar.

Nota-se que muito tem se estudado sobre a presença do negro na Literatura Brasileira, porém o branco sempre ocupa lugar de destaque no cânone literário. Outra peculiaridade da obra é a forma de como é contada a história pelo personagem Carlos, mais conhecido como Carlinhos, que além de figurar na obra, é também o narrador de *Menino de Engenho*. Nesta obra, ele discorre sobre acontecimentos memorialistas e recordações saudosistas.

O livro inicia-se com a parte da infância de Carlinhos com apenas quatro anos de idade, quando o seu pai assassina a sua mãe, sendo este levado por seu tio Juca para o engenho do seu avô materno, o coronel José Paulino. Chegando ali, o menino recebe os primeiros cuidados da sua Tia Maria, irmã mais nova de sua mãe, D. Clarice, que cuidou de Carlinhos enquanto morava no engenho. Ela era muito carinhosa com ele e tentava substituir a falta que sua irmã fazia ao sobrinho. Sua chegada na casa grande, foi de muita expectativa pelos que ali viviam, Rego (2016), descreve como foi esta recepção:

As negras queriam ver o filho de d. Clarisse. Foi uma festa na casa. Vai mostrar o menino à tia Galdina!. E me conduziram para um quarto na dependência da casa grande. Era uma camarinha escura, com cheiro de coisa abafada. Lá dentro estava uma **negra velha** deitada. (REGO, 2016, pg.31).

O que se pode notar no que está explicito acima, o narrador Carlinhos cita as negras em sua recepção, pois elas eram as que cuidavam dos afazeres domésticos e posteriormente ele fala sobre uma velha negra, por nome Tia Galdina, esta na sua vida laboral, muito havia contribuído para o bem estar dos moradores da casa grande, porém, já no fim da vida, ela estava em uma camarinha escura com cheiro de coisa abafada em uma situação de descaso.

Ali no engenho do avô, Carlinhos descreve os acontecimentos diários e o seu convívio com as crianças mulatas, os negros, a cheia do Rio Paraíba, aprende as primeiras letras, cita os primeiros professores e as mulatas sedutoras.

A relação entre negros e brancos dentro da obra são de tratativas diferenciadas; enquanto um homem negro vai ao tronco injustamente, mesmo não sendo mais escravo segundo a lei, o outro, sendo um homem branco e filho do coronel, envolve-se com as mulatas do engenho, e nunca é castigado por suas mazelas e estas, que por vezes a culpa cai sobre outras pessoas, principalmente sobre os negros. Por ser neto do coronel, Carlinhos era tratado de forma privilegiada, isto mostra como o branco tem destaque e lugar de prestígio na literatura. Observe como o autor expôs esta percepção acerca desse cenário:

Depois mandaram - me para a aula dum outro professor, com outros meninos, todos de gente pobre. **Havia para mim um regime de exceção.** Não brigavam comigo. Existia um copo separado para eu beber água, e um tamborete de palhinha para o “neto do coronel Zé Paulino”. Os outros sentavam-se em caixões de gás. Lia-se a lição em voz alta. A tabuada era cantada em coro, com os pés balançando, num ritmo que ainda hoje tenho

nos ouvidos. Nas sabatinas nunca levei um bolo, mas quando acertava, mandavam que desse nos meus competidores. Eu me sentia bem com todo esse regime de miséria. Os meninos não tinham raiva de mim. Muitos deles eram de moradores do engenho. Parece que ainda os vejo, com seus bauzinhos de flandres, voltando a pé para casa, a olharem para mim, de bolsa a tiracolo, na garupa do cavalo branco que me levava e trazia da escola. (REGO, 2016, pg.55).

Diante do que foi dito acima, nas palavras de Carlinhos, pode-se notar em seu discurso um grau de superioridade em relação aos demais meninos, já que por ser neto do coronel, não podia ser penalizado se errasse nas sabatinas, havia para ele um lugar de destaque, que fazia com que o mesmo se sentisse bem com esse regime de miséria.

Dentro desse contexto paradoxal que se encontra um menino, acanhado, tristonho e melancólico, após a morte da mãe, vê-se sem rumo, com pessoas até então desconhecidas. Sente-se limitado e diferente das outras crianças, e é assim tratado por ser o neto do coronel.

Esse menino não pode brincar como os outros, não pode ficar até tarde no sereno, e sente inveja da liberdade alheia. Sua liberdade vai acontecer através de sua descoberta sexual aos doze anos, idade em que o mesmo é mandado por seu avô para um internato e o livro tem o seu fim.

A maior fonte do escritor foi a sua própria vida, a infância passada em um engenho de açúcar. O tom autobiográfico da obra é uma das suas principais características. As vivências do menino de engenho são marcantes e muito vivas aos olhos do leitor. O regionalismo de José Lins do Rêgo se torna universal, pois, além do engenho, é a infância que se destaca como fator universalista.

Assim, mesmo com a escravidão abolida no Brasil, o romance em análise possui enormes marcas do regime escravagista. E isso é bem claro na forma como os negros eram tratados nas atividades laborais e sociais, as quais são imagens constantes na obra:

E na primeira parada deixamos o trem, com grande saudade para mim. Na estação estava **um pretinho** com um cavalo, trazendo umas esporas, um rebenque e um pano branco. O meu tio estendeu o pano branco na anca do animal, montou, **e o pretinho** me sacudiu para a garupa. Era o meu primeiro ensaio de equitação (REGO, 2016, pg.30, *grifo nosso*).

Nesse fragmento, nota-se o uso de palavras depreciativas para citar o menino negro que trabalhava no engenho, na época era uma linguagem rotineira,

pois os negros não tinham nome, apenas cor, e essa representação definia sua condição social, conforme se pode entender a partir da concepção de Russel-Wood (2005, p. 297):

Em nenhum lugar como na América portuguesa a população desafiou tanto a classificação fenotípica somente por cor, cabelo, constituição física e características faciais e foram tão importantes a visão do outro, a visão de si mesmo, a postura e a “qualidade” – palavra que foge à definição, mas que todo mundo entendia – para decidir qual o adjetivo ou expressão mais adequado para referir-se à cor do indivíduo. A cor da pele de alguém estava nos olhos do observador, mas o status social e econômico do observador e sua cor também desempenhavam seu papel em qualquer dessas atribuições, assim como a época e a região.

Diante desta situação, no contexto de uma era patriarcal, era considerado normal na sociedade por parte da elite, do colonizador europeu, utilizar estas expressões de adjetivos depreciativos para com as pessoas que também eram desprovidas de poder econômico, definindo – os pelas suas características tais como a cor da pele, porte físico e postura.

Dessa forma, na obra em análise, observa-se o discurso como representação social, de acordo com a concepção de Foucault (1999), na medida em que o autor usa a linguagem estigmatizada daquele contexto regional, enquadrado nos moldes sociais da época, denotando uma literatura histórica ainda presa a uma noção temporal contínua, articulando as formações discursivas com as práticas sociais.

O autor mostra que a relação dos negros libertos com a casa-grande era de submissão e gratidão, enquanto ele, o narrador, denota certo encantamento com o universo dos ex-escravos, reproduzindo a linguagem racista da época como uma das características regionalista de sua obra:

A minha mãe sempre me falava do engenho como de **um recanto do céu**. E **uma negra**, que ela trouxera para criada, contava tantas histórias de lá, das moagens, dos banhos de rio, das frutas e dos brinquedos, que me acostumei a imaginar o engenho como qualquer coisa de um conto de fadas, de um reino fabuloso. (REGO, 2016, pg.30).

No que foi dito por Rego (2016), nas palavras do narrador Carlinhos, é que a mãe lhe falava sobre o engenho, como se fosse um lugar encantado. Ele cita uma negra que a mãe trouxera de lá para executar trabalhos domésticos, observa-se neste trecho mais uma vez nas palavras do narrador, um discurso depreciativo

para se referir a esta criada, que também contava a ele histórias do engenho que despertavam imaginações de contos de fadas como se estivesse em um lugar fascinante.

Já, a liberdade das crianças negras pelos campos é motivo de fascínio para o narrador que, apesar de muito livre, tem as obrigações de menino parente do senhor de engenho. Essa liberdade juvenil depois se torna servidão nos trabalhos do campo. Em contrapartida, Carlinhos não gozava de muita liberdade por parte dos adultos, pois em determinados momentos sofre interdições por parte da sua Tia Maria, conforme segue:

- **Você está um negro** - me disse a tia Maria. – Chegou tão alvo, e nem parece gente branca. Isto faz mal. Os meninos de Emília já estão acostumados, você não. De manhã à noite, de pés no chão, solto como um bicho. Seu avô ontem me falou nisto. Você é um menino bonzinho, não vá atrás destes moleques para toda parte. (REGO, 2016, pg.31).

No que está descrito, nas palavras da Tia Maria, Carlinhos é chamado a atenção por estar sujo e de pés no chão durante o dia e a noite. Pode-se compreender que ela faz uma comparação entre negro e branco, sendo que para ela ser negro é sinônimo de sujeira, e ser branco é sinônimo de limpeza. Nota-se que ela utiliza-se de termos degradantes referindo aos outros meninos do engenho, comparando – os com, solto como bicho, deixando subtendido que os outros meninos (moleques), filhos dos negros do engenho são maus, talvez por não gozarem do mesmo prestígio de Carlinhos.

Por outro lado, dentro de um contexto, onde os engenhos de açúcar estavam em decadência dando ascensão às usinas, o autor mostra a realidade da época, da vida das pessoas que viviam nessa sociedade, mas com um ar de saudosismo, descrevendo o ambiente, a partir de memórias da própria infância e de observações da vida rural. A narrativa é muito rica nos elementos regionais, em toda a descrição do engenho, na vida de seus moradores. E nessa descrição da vida no engenho destaca-se a pobreza, uma grande característica da realidade da época:

Dois homens levavam caçambas com mel batido para as formas estendidas em andaimes com furos. Ali mandava o purgador, **um preto**, com as mãos metidas na lama suja que cobria a boca das formas. Meu tio explicava como aquele barro preto fazia o açúcar branco. E os tanques de mel de furo, com sapos ressequidos por cima de uma borra amarela, me deixaram uma impressão de nojo. (REGO, 2016, pg.31).

No que está descrito acima, Carlinhos ao passear pelo engenho na companhia do seu Tio Juca, observa e relata o processo de fabricação do açúcar, e o mesmo em suas palavras deixa-lhe uma impressão de nojo. É mostrado também a maneira depreciativa de como ele se dirige a um homem, chamando-o de “um preto”, o escravo que está desenvolvendo os seus afazeres. Com esta descrição, o autor demonstra que o negro nasceu com este legado, de ser obrigado a executar trabalhos de extrema servidão.

Como se não bastasse, havia também no engenho outra personagem que exercia controle e autoridade sobre as mulheres negras da casa grande, esta fazia a supervisão e governança, em seguida nota-se a forma de como ela trata aquelas que estavam abaixo de suas ordens:

A minha Tia Sinhazinha era uma velha de uns setenta anos. Irmã de minha avó, ela morava há longo tempo com o seu cunhado. [...] Era ela quem tomava conta da casa do meu avô, mas com um despotismo sem entranhas. Com ela estavam as chaves da despensa, e era ela quem mandava **as negras** no serviço doméstico. (REGO, 2016, pg.36).

Diante do que foi dito no fragmento acima, Tia Sinhazinha era a Tia avó de Carlinhos, era uma pessoa sisuda, fechada, que comandava todas as negras nos serviços domésticos, e era responsável pela guarda da chave da despensa. Era uma velha temida por todos e que oprimia aqueles ou aquelas que estavam sob a sua supervisão, ou seja, as negras. A seguir pode - se observar a opressão que a mesma exercia em relação aos que viviam sob suas ordens:

As pobres negras e os moleques sofriam dessa criatura uma servidão dura e cruel. Ela criava sempre **uma negrinha**, que dormia aos pés de sua cama, para judiar, para satisfazer os seus prazeres brutais. Vivia a resmungar, a encontrar malfeitos, poeira nos móveis, furtos em coisas da despensa, para pretexto de suas pancadas nas crias da casa. **As negras** odiavam-na. (REGO, 2016, pg.37).

Nota-se no que está descrito que, a Tia Sinhazinha era uma mulher extremamente má, não tinha amigos, vivia reclamando, nada trazia – lhe satisfação ou alegria, tratavam todos de uma forma dura e cruel, por isso era odiada pelas negras. O que o autor também demonstra é que até mesmo as mulheres negras não escapavam dos maus tratos por parte daqueles que detinham o poder. Rego (2016),

diz que esta velha Sinhazinha dava ordens para dentro e para fora na hora do jantar, gritando para os negros e os moleques com arrogância incontestável.

Já, no que se refere a vida religiosa do engenho, havia um oratório que era um acessório religioso composto por imagens de santos (as) cultuados (as) pelas pessoas brancas da casa grande e que possuía outra conotação para as pessoas negras, ou seja, elas o sincretizava. Pois no imaginário das pessoas negras, no oratório existia uma escrava que virara santa, ou se tratava de uma santa, que outrora fora escrava. Então, o narrador ao se reportar a religiosidade de sua família, afirma que: “os moleques então os mostravam uma santa mulata com uma criança no braço, uma que tinha no rosto a marca de ferro em brasa, conforme segue abaixo:

Os moleques então nos mostravam uma santa mulata com uma criança no braço, uma que tinha no rosto a marca de ferro em brasa. - Ela era uma **escrava** – contavam os moleques. – E a senhora queimou o rosto dela com um garfo quente. (REGO, 2016, pg.61).

Mais uma vez, no que foi descrito acima, verifica-se um discurso de estigmas, preconceitos e estereótipos, para com os meninos negros do engenho que o autor chamam de moleques. No entendimento desses moleques, como se refere o autor, eles achavam que a santa mulata era uma escrava, sendo que na verdade era uma imagem que representava a virgem Maria com o menino Jesus no braço.

Portanto, como é de se observar, os elementos de religiosidade também são marcantes na obra. Embora o quarto de santos do engenho estivesse sempre fechado, só abria nos tempos de festa e o Coronel, segundo o narrador não era um devoto, não costumava ir às missas, não se confessava, mas sempre vinha em suas falas um “se Deus quiser”, “tenho fé em Nossa Senhora”, e ajudava os padres em suas festas e necessidades. Tanto que na narrativa a palavra “Deus” estar sempre presente. Segue abaixo o que Carlinhos diz sobre a religiosidade do seu avô, o Coronel José Paulino:

E mesmo o meu avô não era um devoto. A religião dele não conhecia a penitência e esquecia alguns dos mandamentos da lei de Deus. Não ia às missas, não se confessava, mas em tudo que procurava fazer lá vinha um “se Deus quiser” ou “tenho fé em Nossa Senhora”. A minha tia Maria cuidava de ensinar a mim e aos moleques as rezas que ainda hoje sei. (REGO, 2016, pg. 60).

Diante o que foi explicitado acima por Carlinhos, o seu avô, o Coronel José Paulino não era praticante da religião católica, mas que de certa forma havia por parte dele o respeito e consideração. Já, a tia Maria era a pessoa que cuidava de ensinar as rezas tanto para Carlinhos quanto para os moleques do engenho. Em mais este fragmento citado, nota-se um discurso estigmatizador, chamando os meninos filhos dos escravos de moleques. De certa forma, a religião se tornara um escape para os menos favorecido que viviam no engenho quando se deparavam com momentos difíceis, como pode se observar a seguir:

O povo pobre do eito só se confessava na hora da morte, quando, à revelia deles, mandavam chamar o padre às carreiras. E, no entanto, não tiravam Nossa Senhora da boca e faziam novenas a propósito de tudo. (REGO, 2016, pg. 62).

Nas palavras do autor, no que está descrito acima, o povo pobre do eito eram os próprios negros (escravos), que só na hora da morte lembravam – se de confessar, e quando as dificuldades chegavam, chamavam os padres, clamavam por Nossa Senhora e faziam novenas a propósito de tudo.

De certo modo, em Rego (2016), o romance constrói a representação de uma época, dos fatos e dos personagens neles envolvidos, e assim possibilita ao (a) leitor (a) conhecer o Brasil rural e a condição das pessoas negras na sociedade pós-abolição. Em seguida, no cap. 21, Rego (2016) apresenta a velha Totonha, personagem que anda de engenho a engenho a contar as suas histórias:

Às vezes vinha ao engenho por este tempo uma velha Totonha, que sabia uma Vida, Paixão e Morte de Jesus Cristo em versos e nos deixava com os olhos molhados de lágrimas com a sua narrativa dolorosa. (REGO, 2016, pg. 63).

A velha Totonha era uma senhora idosa, negra, ex - escrava, uma espécie de andarilho e iletrada que andava nos engenhos a contar suas histórias orais de trancoso, contava histórias de um jeito admirável que prendia a atenção das crianças, suas histórias eram ricas em detalhes, e desta forma ela trabalhava e tirava o seu sustento.

A velha Totonha, por ser negra, gozava da liberdade de ir e vir. Então, geralmente ocorria o fato de que mesmo após a abolição, seja o trabalho assalariado ou não, as condições de miséria dos trabalhadores livres pouco

mudavam, pode-se observar no trecho abaixo a forma de como ela se apresenta na obra:

A velha Totonha de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada. Ela vivia de contar histórias de Trancoso. Pequenina e toda engelhada, tão leve que uma ventania poderia carregá-la, andava léguas e léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição viva das *Mil e uma noites*. Que talento ela possuía para contar suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens! Sem nem um dente na boca, e com uma voz que dava todos os tons às palavras. (REGO, 2016 pg.71).

Diante do que foi exposto acima, pode-se afirmar que a velha Totonha é mencionada em dois capítulos do romance, um, o capítulo 21 e outra no capítulo 33. Naquele, o narrador apresenta a contadora de histórias, dizendo que ela era “como uma edição viva das *“Mil e Uma Noites”*”, tal era seu dom de narrar. Então, Carlinhos começa a contar as histórias que a narradora contava, mas não lhe dá voz, ou seja, é o narrador, em discurso indireto, quem conta as histórias que a velha contava, fazendo uma síntese dessas histórias.

Brito e Monteiro (2011), diz que a velha Totonha representa a própria síntese do mito, de algo que acabou. Como era analfabeta, as histórias que contava eram da narrativa oral, lendas e contos tradicionais. A contadora de histórias dava vida à velha matéria da narrativa tradicional e a incorporava ao presente, dando-lhe nova roupagem e ambientando-a no engenho.

Já, no capítulo 33, em que o coronel conta histórias, dessa vez o narrador dá voz ao contador das histórias. É o próprio coronel, em discurso direto quem narra. Como a velha Totonha é analfabeta, ex-escrava, não pode ter voz própria na narrativa, Brito e Monteiro (2011), afirma que é preciso que ele, o narrador, intelectualizado, representante de quem detém o poder, o faça, pois quem detém o discurso é também quem detém o poder.

Todavia, as marcas de resistências das pessoas negras estavam pelos quatro cantos do engenho. A resistência cultural, talvez tenha sido mais marcante, o que fez com que as práticas da cultura afro-brasileira tenham atravessado o tempo e chegado à contemporaneidade. Nesse ínterim são pertinentes as velhas negras contadoras de histórias, as pretas velhas:

As negras ficavam pela cozinha, sentadas, conversando em cochichos sobre o dia. Não se tomava banho de rio, para não se ficar nu na frente um do outro. (REGO, 2016, pg.63).

Como se pode notar no que foi descrito, as negras eram as trabalhadoras que tomavam conta dos serviços domésticos e eram boas cozinheiras, e também na expressão do autor, entende-se que elas eram boas observadoras e cochichavam entre si, quem sabe da vida de todos que ali moravam no engenho. O fato de não tomar banho de rio, para não ficar na frente um do outro, era referente ao período da semana santa que se aproximava, por isso havia um temor e respeito pela semana santa.

Na trama tecida, Rego (2016) mostra que mesmo após a abolição da escravidão as pessoas negras ainda podiam ser castigadas pelos brancos. Uma evidência de que a resistência continuou, haja vista, a sociedade ter incorporado a escravidão como ideologia.

Logo, ser negro (a) era ser inferior e representava está a serviço do branco. O Romance *Menino de Engenho* traz o caso do negro Chico Pereira, acusado de um crime que não cometeu, ou seja, pagou pelo crime de um branco só porque era negro. Na sociedade pós-abolição a palavra de um branco era concebida como verdade, enquanto que a palavra de uma pessoa negra não tinha valor, ninguém dava credibilidade.

Por isso, mesmo que tenha dito a verdade, Chico Pereira foi responsabilizado pelo crime. Afinal quem o acusou foi um branco. Ao réu não foi dada a oportunidade de defesa, visto que sua palavra não tinha crédito e poder. Então, prevaleceu a mentira de um branco, a verdade dita por um negro. Desta feita, Chico Pereira fora castigado, conforme enunciado no trecho abaixo:

[...] Chico Pereira era cambiteiro, moleque chibante da bagaceira, cheio de ditos e nomes obscenos. Todo mundo acreditava que tivesse sido ele mesmo o autor do malfeito na mulata Maria Pia. A mãe da ofendida viera dar queixas ao meu avô, botando a coisa pra cima de Chico Pereira. E no tronco ele ficaria até se resolver a casar com a sua vítima. REGO, 2016, pg. 64).

Como se pode observar, só pelo fato de Chico Pereira ser alguém de muitas travessuras, fanfarrão, e também por ser negro, não havia para ele nenhuma credibilidade, pois fora acusado injustamente de ter molestado sexualmente da mulata Maria Pia. Já, o Coronel José Paulino fazia o papel de juiz para resolver

qualquer demanda que aparecesse no engenho, como pode-se observar no relato a seguir:

O meu avô ordenou que acabasse com aquela latomia. E mandou buscar um livro que havia debaixo do santuário. Você vai jurar em cima deste livro santo como contará a verdade de tudo. O cabra está no tronco. Ele nega, prefere morrer a casar. [...] A velha e a filha ficaram fora do mundo. Aquele livro santo era para menos. E então a mãe de Maria Pia, como se estivesse com faca nos peitos: Menina, não bota a tua alma no inferno. O povo todo tinha chegado para perto da mulata. Vamos, disse o meu avô, com aquela sua voz de mando. E a mulata com os olhos esbugalhados: Juro que foi o doutor Juca quem me fez mal. O meu avô não deu uma palavra. Só fez dizer: Soltem o cabra. (REGO, 2016, pg. 64).

O livro do qual o Coronel José Paulino se referiu era a Bíblia Sagrada, por se tratar de um livro santo, devia se fazer o juramento em cima deste, como prova de que a verdade estava sendo dita. A mãe de Maria Pia, levou a filha ofendida a uma profunda reflexão, caso fosse mentira, sua alma estaria condenada ao inferno, fato que fez com que ela revelasse toda a verdade.

Em seguida, a mesma revela que quem na verdade lhe fez o mal foi o doutor Juca, o filho do Coronel José Paulino e não Chico Pereira. Nota-se que por ser branco e filho do próprio Coronel, não houve nenhuma punição. Já, Chico Pereira estava sofrendo injustamente, talvez por ser negro, ou por não ter voz de defesa, ou seja a palavra de quem não detém poder de nada vale.

Portanto, a temática da escravidão, é muito intenso na obra, na colocação da palavra “negro”, “negra”, exemplo: a negra Maria Gorda, o negro Salvador, “um pretinho”, negro José Gonçalo, etc. Rego (2016) mostra que, a senzala do Santa Rosa não desaparecera com a abolição. Ela continuava pegada à casa grande, com as suas negras parindo, as boas amas-de-leite e os bons cabras do eito. Abaixo verifica-se como era a realidade da senzala pós abolição:

Restava ainda a senzala dos tempos do cativo. Uns vinte quartos com o mesmo alpendre na frente. As negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a rua, como elas chamavam a senzala. E ali foram morrendo de velhas. Conheci umas quatro: Maria Gorda, Generosa, Galdina e Romana. O meu avô continuava a dar-lhes de comer e vestir. E elas a trabalharem de graça, com a mesma alegria da escravidão. As suas filhas e netas iam-lhes sucedendo na servidão, com o mesmo amor à casa-grande e a mesma passividade de bons animais domésticos. (REGO, 2016, pg. 75-76).

É notório que a senzala foi um local de sofrimento, onde os negros moravam de forma desumana, como se sabe, os negros libertos pós-abolição, não

tinham para onde ir, obrigando – os a permanecerem nos engenhos de seus senhores trabalhando sem remuneração. Ali iam sucedendo suas crias, suas futuras gerações em um ciclo contínuo de escravidão e sofrimento.

No final desse mesmo enxerto, o autor compara estes escravos (negros), como a bons animais domésticos, denotando um discurso de completa insensibilidade e sujeitando – os a um grau de inferioridade. Ainda, o narrador Carlinhos descreve o ambiente da senzala, local de moradia dos escravos (negros) em precárias condições de sobrevivência, era assim que ele apresenta as mulheres negras e os moleques que habitavam neste lugar:

Não conheci marido de nenhuma, e no entanto viviam de barriga enorme, perpetuando a espécie sem previdência e sem medo. Os moleques dormiam nas redes fedorentas; o quarto todo cheirava horivelmente a mictório. Via-se o chão úmido das urinas da noite. Mas era ali onde estávamos satisfeitos, como se ocupássemos aposentos de luxo. (REGO, 2016, pg. 76).

Conforme comenta Carlinhos acima, esta era a vida rotineira das mulheres negras da senzala, observa-se neste fragmento um discurso que inferioriza a figura da mulher negra em completo descaso, demonstrando que este era o papel delas na sociedade rural escravocrata do Nordeste no início do Século XX.

E também, os moleques que ali nasciam, de imediato entravam em contato com as precárias condições de higiene para a sobrevivência, e que posteriormente, no seu desenvolvimento, o universo destas estava permeado pelo trabalho. Ainda enquanto crianças, os filhos dos negros que eram chamados de moleques pelos moradores da casa grande, brincavam e se divertiam pelo engenho, tanto que o próprio Carlinhos e os meninos da casa grande seguiam - os em suas brincadeiras:

O interessante era que nós, os da casa-grande, andávamos atrás dos moleques. Eles nos dirigiam, mandavam mesmo em todas as nossas brincadeiras, porque sabiam nadar como peixes, andavam a cavalo de todo jeito, matavam pássaros de bodoque, tomavam banho a todas as horas e não pediam ordem para sair para onde quisessem. Tudo eles sabiam fazer melhor do que a gente; soltar papagaio, brincar de pião, jogar castanha. Só não sabiam ler. Mas isto, para nós, também não parecia grande coisa. (REGO, 2016, pg. 77).

Diante do que foi explícito, os meninos da casa-grande, andavam atrás dos moleques, pois em suas brincadeiras eram eles quem davam as ordens, pois sabiam se divertir de diversas maneiras, porém em seguida o narrador Calinhos diz algo que deixa subtendido, ou seja, em outras palavras, eles até poderiam ser bons de brincadeiras, porém não sabiam ler.

Então, nota-se neste fragmento um discurso de superioridade em relação aos demais meninos do engenho chamado por ele de moleques. Mas como ainda eles eram crianças, o fato dos outros meninos não saberem ler no momento não fazia diferença.

Também em outra ocasião, Rego (2016), nas palavras de Carlinhos relata que estes mesmos moleques lhe contavam muitas coisas da vida que levavam, dos ninhos de rola que descobriam, dos preás que pegavam para comer, das botijas de castanhas que faziam, enfim, as condições de vida desses moleques eram marcadas por doenças, muitos eram amarelos, inchados das lombrigas que lhes roíam as tripas, nesta vida que levavam cresciam, e eram os homens que ficavam dias e dias de sol a sol no eito puxado do avô, assim nasciam e se desenvolviam os meninos do engenho.

Já a figura de suas progenitoras era demonstrada como algo descartável, passageiro, sem valor algum após serem usadas somente para fins dos prazeres sexuais conforme descrito abaixo:

E todo ano pariam o seu filho. Avelina tinha filho do Zé Ludovina, do João Miguel destilador, do Manuel Pedro purgador. Herdavam das mães escravas esta fecundidade de boas parideiras. Eu vivia assim, no meio dessa gente, sabendo de tudo o que faziam, sabendo de seus homens, de suas brigas, de suas doenças. (REGO, 2016, pg. 78).

Diante do que foi citado, a mulher negra, era retratada como objeto de prazeres sexuais, subjugada a uma vida de miséria a cargo de somente parir suas crias, sempre colocadas em condições subalternas e inferiorizadas. Portanto, os relatos dos personagens de *José Lins do Rego* representam a maneira de pensar de uma sociedade e expressa de que forma o negro era visto no período Pós – abolicionista, como por exemplo, “o sexo entre os negros, era visto como algo “animalesco, praticado em qualquer lugar”.

Já, em outro momento da obra, o narrador Carlinhos se reporta a uma outra personagem por nome de Maria Gorda. Era de Moçambique, e com mais de

oitenta anos no Brasil, retratada com beijos caídos e peitos moles dependurados que lhe causavam medo. Esta é uma das mulheres relevantes na resistência cultural das pessoas negras. Pois segundo conta em suas memórias ela não falava o português de maneira compreensível, no entanto, praticava em seu quarto o culto aos deuses trazidos da África conforme trecho a seguir:

No quarto da negra Maria Gorda não se podia entrar. Nunca conseguíamos nos aproximar desta velha africana. Ela não sabia falar, articulava uma meia-língua, e na hora do almoço e do jantar saía da loca pendida em cima de uma vara para buscar a ração. (REGO, 2016, pg. 78).

Maria Gorda, como é de se notar, era uma negra esquecida na antiga senzala e que demonstrava a pouca mudança nas condições de vida mesmo após a abolição. Sendo assim, mantinha o culto às escondidas, em seu quarto, sozinha, ou seja, resistira à escravidão com muita força e fazia do seu quarto, seu espaço de resistência, visto que não permitia que ninguém entrasse. Posteriormente no que foi citado, Rego (2016) hierarquiza as culturas evidenciado no momento em que se reporta a comida dos trabalhadores negros e chamam-na de “ração”. Numa alusão a animais.

Além de Maria Gorda, outras africanas moravam no engenho e se destacaram como símbolos de resistência. Na cozinha quem mandava era a velha Generosa, ali ninguém mexia além dela, até mesmo o senhor de engenho não se metia em seu local de serviço, pois corria o risco de ser chamada a atenção.

No momento em que narra as ações da velha Generosa e sua relação com os integrantes da casa grande, o narrador se reporta ao poder que as mulheres negras detinham, sobretudo, as que estavam na cozinha conforme o fragmento abaixo:

A Velha Generosa cozinava para a casa-grande. Ninguém mexia num cacareco da cozinha a não ser ela. E viessem se meter nos seus serviços, que tomavam gritos, fosse mesmo gente da sala. Tinha não sei quantos filhos e netos. Negra alta e com braços de homem; tirava uma tacha de doce do fogo, sem pedir ajuda a ninguém. (REGO, 2016, pg. 79).

Portando, pode-se notar que a Velha Generosa, apesar de ser negra, tinha um papel de destaque de maneira positiva em relação as demais mulheres negras, pois ela desenvolvia uma importante função, cozinhar para os moradores da casa-grande. Pois ela sabia o segredo das ervas com que temperava as comidas e

isso lhes conferia autoridade e respeito frente os que moravam ali. Prova disso é que o coronel não a enfrentava. Esta, no relato do autor, é retratada como uma mulher de muitos filhos e netos, negra alta e com braços de homem, isto se deve ao fato dos seus esforços de lidar com os tachos ou panelas, e por ter que cozinhar constantemente para muita gente.

Em contrapartida, Rego (2016) também menciona outras mulheres, as que ficavam sem casaco, quase com os peitos de fora, estas eram as negras que faziam rendas sentadas pelos alpendres.

Portanto, um aspecto importante a ressaltar dessa pobreza e servidão existente no Santa Rosa é que eles, os negros não reclamavam da vida, pois eram pessoas relativamente tranquilas, e isso se deve ao fato do Coronel José Paulino ser um homem de certa forma bom, justo e severo, dando a assistência necessária aos negros do seu engenho:

O velho José Paulino tratava de tudo, fazia sinapismo de mostarda, dava banhos quentes, óleo de rícino, jacaratiá para vermes. Curava assim os negros, os netos, os trabalhadores. (REGO, 2016, pg. 101).

Essa era a forma de como o Coronel José Paulino cuidava da saúde dos negros do engenho Santa Rosa, em uma época em que os recursos medicinais eram precários, utilizava-se de conhecimentos populares na confecção de medicamentos caseiros para cura de doenças. Em um período marcado por uma sociedade patriarcal, este era o dever de todo o senhor de engenho conforme diz Ferlini (1996):

Sociedade de senhores porque sociedade de escravos, era na sujeição do negro que se definia a personalidade do senhor [...] Donos da vida e da morte em seu mundo, aos senhores cabia velar pelos negros, nutrindo-os, vestindo-os e castigando-os. Pão, pano e pau eram os elementos fundamentais das obrigações do proprietário para com seus escravos. Pouca comida, vestuário miserável, castigo duro e contínuo, a realidade (FERLINI, 1996, p. 80).

Como se pode observar no que foi dito acima, verifica-se que a legitimidade como senhor de engenho dependia da parcela da população escravizada, o que também demonstra que enquanto a negritude está voltada para o trabalho e à pobreza, a branquidade está voltada ao poder e a riqueza. Ou seja, nas

mãos do senhor de engenho estava o destino da vida dos negros que viviam sempre debaixo de opressão contínua.

A provisão do Senhor de Engenho era ofertada aos negros, porém de forma desumana. Portanto, é de se notar como era a visão do Coronel José Paulino em relação aos negros de sua propriedade, época da abolição da escravidão no Brasil que ocorreu no dia 13 de maio de 1888, conforme ele mesmo narra no trecho abaixo:

Quando veio o Treze de Maio, fizeram um coco no terreiro até alta noite. Ninguém dormiu no engenho, com zabumba batendo. Levantei-me de madrugada, pra ver o gado sair para o pastoreador, e me encontrei com a negrada, de enxada no ombro: iam para o eito. E aqui ficaram comigo. Não me saiu do engenho um negro só. Para esta gente pobre a abolição não serviu de nada. Vivem hoje comendo farinha seca e trabalhando a dia. O que ganham nem dá para o bacalhau. Os meus negros enchiam a barriga com angu de milho e ceará, e não andavam nus como hoje, com os troços aparecendo. Só vim a ganhar dinheiro em açúcar com a abolição. Tudo o que fazia dantes era para comprar e vestir negros. [...]. Estas histórias do meu avô me prendiam a atenção de modo bem diferente daquelas da velha Totonha. (REGO, 2016, pg. 110-111).

No trecho acima, nas palavras do Senhor de Engenho, o Coronel José Paulino, deixa claro em sua opinião que a abolição foi uma formalidade, pois ele, como grande proprietário de terras, continuou com a senzala como no dia 14 de maio e acabou lucrando, uma vez que formalmente seus empregados não eram mais escravizados e estavam ali porque “queriam”.

Sendo assim, não havia nenhuma obrigação de alimentá-los, curá-los ou dar-lhes o que vestir, e desta forma era considerado bom. Por isso, esta bondade de José Paulino, segundo o narrador, permitiu que os ex-escravizados morassem no engenho. Sendo assim, em suas palavras fica notável um discurso marginalizador em relação aos seus negros.

Portanto, esse autor demonstra em sua obra que, para as pessoas negras não havia saída, ou seja, outra opção. Era preferível viver no engenho em meio aos castigos, a viver fora dele, e na miséria extrema. Por isso, todas as pessoas negras que permaneceram no engenho após a abolição, deveriam trabalhar.

De certo modo, o trabalho não assalariado era a forma como essas pessoas pagavam ao coronel o foro pelo usufruto da terra, portanto eram pacíficos e aceitavam a servidão conforme explicitado logo a seguir:

E não recebiam nada pelo dia que davam. Queriam assim fugir da indignidade do eito, trabalhavam de graça. Quando havia ajuntamento destes, para nós, meninos, era um espetáculo. Levavam mel de furo, para a regalada merenda dos cabras. E à noite, o terreiro da casa grande se enchia com um exercito de esfarrapados. Bebiam cachaça nos dias de chuva, e voltavam para casa para o sono miserável da cama de vara. (REGO, 2016, pg. 108).

Enquanto os negros trabalhavam arduamente no eito, por outro lado isto era uma diversão para os meninos quando estes se ajuntavam. Fica explicito a diversão com o sofrimento alheio, nas palavras do narrador Carlinhos. Nesse sentido, tamanha era a miséria em que os negros viviam, sem salários, alimentação precária, dados ao vício da bebida alcoólica e sem conforto.

Portanto, esta convivência com a desgraça alheia tornava aquele cenário de sofrimento natural e costumeiro, demonstravam indiferença e frieza para com os negros, e isso afirmava a sua superioridade por ser branco conforme Rego (2016) afirma a seguir:

O costume de ver todo dia esta gente na sua degradação me habituava com a sua desgraça. Nunca menino, tive pena deles. Achava muito natural que vivessem dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando como burros de carga. A minha compreensão da vida fazia-me ver nisto uma obra de Deus. Eles nasceram assim porque Deus quisera, e porque Deus quisera nós éramos brancos e mandávamos neles. Mandávamos também nos bois, nos burros, nos matos. (REGO, 2016, pg. 108).

Era assim que os brancos na obra *Menino de Engenho* viam os negros, sempre em posição de inferioridade, olhavam de cima para baixo, descaso e humilhação contínua. Este é o discurso de Carlinhos, da qual estava habituado e não lhe causava nenhum constrangimento. Em sua visão os negros haviam nascidos assim pela vontade divina e que por eles serem brancos, achavam-se privilegiados em relação não somente aos negros, mas também eram superiores a toda forma de vida existente.

Dessa forma, Rego (2016), nas palavras de Carlinhos não poupam palavras para descrever a forma degradante de como viviam os cabras do eito (os negros) do engenho da cana-de-açúcar, não tinham condições privilegiadas, regalias ou reconhecimento, eram gente sofrida que batalhavam pela sobrevivência conforme afirma Rego (2016):

À tardinha os cabras do eito chegavam, pingando da cabeça aos pés. Vinham com as canelas meladas de lama e as mãos enregeladas de frio. O chapéu de palha pesado de água, gotejando. Mas indiferentes ao tempo. Parecia que estavam debaixo de bons capotes de lã. Levavam bacalhau para a mulher e os filhos, e iam dormir satisfeitos, como se os esperasse o quente gostoso de uma cama de rico. Dentro da casa deles, a chuva de vento amolecia o chão de barro, fazendo riachos da sala à cozinha. Mas os sacos de farinha do reino eram os edredões das suas camas de marmeleiros, onde encolhiam para sonhar e fazer os filhos, bem satisfeitos. Iam com a chuva nas costas para o serviço e voltavam com a chuva nas costas para a casa. Curavam as doenças com a água fria do céu. Com pouco mais, porém, teriam o milho verde e o macaça maduro para a fartura da barriga cheia. (REGO, 2016, pg. 129-130).

Nesse fragmento, pode-se observar que o autor utiliza-se também de uma outra expressão para se referir aos negros trabalhadores do engenho “os cabras do eito”, nota-se que muito era sofrida a vida dos negros, a alimentação era precária, saúde deficitária e viviam em péssimas condições de higiene e debaixo da opressão contínua. Por isso, não tinham outra forma de subsistência, e apesar das dificuldades, demonstravam-se satisfeitos com a vida que tinham.

Por fim, essas análises de acontecimentos que envolveram os negros em “*Menino de Engenho*”, de José Lins do Rêgo, têm por objetivo levar o leitor a uma profunda reflexão de como é retratado o sofrimento do negro, que deve ser valorizado, pois contribuiu para a formação da população brasileira, lembrando que, na atualidade esses mesmos acontecimentos e comportamentos ainda permeiam a sociedade, sendo relevante se posicionar contra toda e qualquer forma de escravidão e opressão racial laboral.

3.2 Descrição dos diferentes aspectos de convivência entre o Branco e o Negro em *Menino de Engenho*

Com relação ao romance da segunda geração modernista, da qual trata este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), surge o Neorrealismo, o tipo de Realismo em que o caráter cientificista e determinista do Naturalismo do século XIX é substituído por um enfoque político, de problemas regionais como a condição e os costumes do trabalhador rural, a seca, a miséria, o coronelismo, a decadência da oligarquia, caracterizando a prosa regionalista, a tendência que alcançou maior repercussão e importância na época, assumindo uma visão crítica das relações sociais e adquirindo contexto universalista.

Esse Neorrealismo dá nova dimensão tanto ao estilo realista quanto ao romance regionalista brasileiro. Segundo Bosi (2010, p.389):

Sendo o realismo absoluto antes um modelo ingênuo um limite de velha concepção mimética de arte que uma norma efetiva da criação literária, também esse romance novo precisou passar pelo crivo de interpretações da vida e da História para conseguir dar um sentido aos seus enredos e às suas personagens. Assim, ao realismo 'científico' e 'impessoal' do século XIX preferiram os nossos romancistas de 30 uma visão crítica das relações sociais.

Ao longo da trama Rego (2016) coloca a diferente condição em que viviam as pessoas brancas e as negras; os brancos, grupo do qual o narrador é parte gozava de direito e dispunha da terra como bem, o que lhe rendia prestígio social e político. Enquanto as pessoas negras que trabalhavam no engenho eram consideradas e tratadas como simples animais, ou seja, estavam para servir aos brancos que os acolheram após a abolição da escravidão.

Essa situação também está evidenciada no momento em que Rego (2016) narra a ida de Carlinhos à escola. Sempre que o professor lhe perguntava algo e esse não respondia, havia um “negrinho” que era castigado em seu lugar, ou seja, que pagava pelo erro do outro. Era o “negrinho” que levava a palmatória e nunca o neto do coronel, do senhor de engenho. Apesar de as pessoas negras serem livres, a sociedade não as via como cidadãos e se sentia no direito de maltratá-las ou explorá-las a seu dispor.

Na relação entre o senhor e o trabalhador, as pessoas negras estão sempre colocadas como aquelas que nasceram para os trabalhos forçados, e menos qualificados. Logo, não são reconhecidas como detentoras de valor intelectual e moral, entre outros. De fato algumas resistiram aos trabalhos pesados com suas astúcias driblando o que lhe fora imposto.

Outro momento da obra em que o narrador traz outra forma de hierarquia das culturas na relação entre as pessoas negras e brancas dentro do engenho, estando evidenciada no trecho a seguir:

“Achava muito natural que vivesse dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando como burros de carga” (REGO, 2016, p.76).

Nesse trecho as pessoas negras são comparadas como animais, sujeitas as formas de tratamentos desumanos. Mostra também que os brancos não viam as pessoas negras como iguais, mas como simples serviçal aquele que só prestava para o trabalho, ou para o sexo, e também o avô de Carlinhos o Coronel Zé Paulino dizia: “não me saiu do engenho um negro só. Para esta gente pobre a abolição não serviu de nada. Vivem hoje comendo farinha seca e trabalhando a dia” (REGO, 2016, p.78).

No decorrer da narrativa, não é difícil perceber como o narrador se coloca como diferente do negro, que passa a ser visto como o outro. Pois sempre o negro é colocado como uma pessoa predisposta a servir o branco. O menino Carlinhos, vai ao colégio aprender a ler e escrever enquanto o menino negro fica responsável pelo trabalho, ou seja, a vida do menino branco estava relacionada aos estudos, de modo que se tornasse doutor.

Em contrapartida, a vida do menino negro estava associada ao fracasso social, uma vez que o trabalho só lhe tornaria mais um trabalhador do eito. As pessoas negras não eram permitidas o direito de ler e escrever. Logo, eram inferiorizadas em relação aos brancos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Menino de Engenho* de José Lins do Rego é de suma importância para a história do Brasil, especificamente do Nordeste, essa região de grande destaque no cenário nacional, sobretudo na época que a obra retrata, do início da industrialização, na substituição dos engenhos açucareiros pelas usinas. A obra marca também a entrada do autor na vida literária, e constitui um de seus marcos como autor regionalista brasileiro.

Com sua descrição minuciosa dos fatos, ele dá a obra, uma constituição mais real e criticista, demonstrando toda a realidade da época, de como era a vida dos trabalhadores e moradores do engenho, nos fazendo transcender para aquele ambiente e assim nos instigando ao desenvolvimento de uma crítica social, caracterizando o chamado Neorrealismo. E mais ainda com o seu clima de saudosismo, com as lembranças que o “verdadeiro” menino de engenho traz a tona daquela vida para ele boa que nos encanta.

O autor soube, portanto, organizar da melhor maneira possível todos os flashes de lembranças da vida na infância e nos transpor conhecimentos enriquecedores quanto ao tema. Para tanto, o objetivo do estudo foi cumprido, uma vez que propiciou a análise dos discursos da representação do negro na obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, tendo como foco a questão racial na literatura brasileira.

Por conseguinte, a pesquisa possibilitou conceituar o discurso e a representação, abordando o negro na contexto da literatura brasileira, bem como analisando os acontecimentos que envolveram os negros em *Menino de Engenho*, descrevendo os diferentes aspectos em relação à convivência entre branco e o negro na obra.

Assim, o resultado do presente trabalho são análises que levaram à reflexões sobre as representações do negro e a importância de se instigar novas pesquisas sobre o tema, com foco na formação social do indivíduo, no sentido de contribuir como sujeito ativo na sociedade, a partir da compreensão do papel do negro na construção da cultura e língua brasileira, influenciando diretamente no desenvolvimento da identidade histórica e social do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS

Academia Brasileira de Letras - ABL. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/jose-lins-do-rego/biografia>> Acesso em: 10 maio 2017.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 46^a ed. São Paulo, Cultrix: 2010.

BRITO, Antônio César do Nascimento de, Monteiro, Ivone Borges. XII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC. **Velha Totonha e Dadade: O papel da narradoras orais e a representação do personagem iletrado nos romances *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, e *A Menina morta*, de Cornélio Penna**. Curitiba Paraná, 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0432-1.pdf>> Acesso em: 29 novembro 2018.

CABRINI, Conceição Aparecida. **José Lins do Rego – do Aprendiz ao Escritor: A Comunicação Didática como Fenômeno da Edição**. Pontifícia Universidade Católica. Tese para obtenção do título de Doutor em Comunicação e Semiótica, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. São Paulo, 2005.

CASTILHO, Suely Dulce de. **A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas**. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1418> Acesso em: 03 fevereiro 2018.

CORDEIRO, Carla de Fátima. **Pelos olhos do menino de engenho: os personagens negros na obra de José Lins do Rego** / Carla de Fátima Cordeiro – Marília, 2010. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/.../cordeiro_cf_me_mar.pdf> Acesso em: 10 maio 2017.

CHAGURI, Mariana. **O Romancista e o Engenho**. José Lins do Rego e o regionalismo nordestino dos anos 1920 e 1930, São Paulo: Anpocs / Hucitec, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=art&pid=S151745222013000100012>>. Acesso em: 10 maio 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **A ordem do discurso** (Aula inaugural do Collège de France, 02 de Dezembro de 1970). Disponível em : <<http://www.espacomichelfoucault.com.br>> Acesso em: 10 maio 2017.

_____. **As palavras e as coisas** – uma arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

FERLINI, Vera Lúcia Amaral. *A civilização do açúcar: séculos XVI a XVIII*. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

HOUAISS, Antônio (1915 – 1999) e Villar, Mauro de Salles (1939-). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa / Antônio Houaiss e Mauro de Sales Villar**, elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MENDES, Lauro Belchior. **Reflexões sobre Menino de Engenho**. Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais. Ano XX, nº 21, 1989. Disponível em: <[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php /literaria_corpo_discente/article/view/7544](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/literaria_corpo_discente/article/view/7544)> Acesso em: 10 maio 2017.

MOISÉS, Massaud, 1928. **A Criação Literária: fôrmas em: prosa, conto, novela, romance**/ Massaud Moisés. 20ª.ed. São Paulo: Coutrix, 2006.

REGO, José Lins do, **Menino de engenho**. 107ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

SÊGA, Rafael Augustus. *O Conceito de Representação Social nas Obras Denise Jodelete Serge Moscovici*. Porto Alegre, julho de 200. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf>>. Acesso em: 3 de fev. de 2017.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SERGIO, Ricardo. **A Origem do Termo Romance**. Campo Grande – MT, 2007. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/377244>> Acesso em 22 maio 2017.

SILVA, André Gomes Da. **O Olhar Sobre o Negro em José Lins do Rego: Estereótipos, Trabalho e Sexualidade no Ciclo da Cana – de – Açúcar**. Disponível em<<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4437/1/ESP%20PDF%20%20Andr%C3%A9%20Gomes%20da%20Silva.pdf>> acesso em: 10 maio 2017.

TODOROV, Tzvetan, 1939. **A Literatura em Perigo**/Tzvetan Todorov: tradução Caio Meira. 5ªed. Rio de Janeiro: Difel, 2014.96p.

VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA. **Representação do Negro na obra Menino de Engenho: Um Tema Problemático para o Romance de 1930**. 7, Maringá Paraná, 2015. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1157.pdf>> Acesso em: 10 maio 2017.